

# Churchill

JANTAR DE HOMENAGEM WINSTON CHURCHILL – 8 OUTUBRO 2015  
COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

## Churchill e a Europa: Eurocético ou Europeísta?

“Nós estamos ligados, mas não combinados.  
Nós estamos interessados e associados, mas não absorvidos.”

TRADUZIDO POR **Raquel Duque**

**V**ou falar sobre outra grande instituição britânica esta noite, Sir Winston Churchill. E neste momento pensei que valia a pena fazer alguns comentários sobre a relação de Churchill com a Europa.

Como todos sabem, o Primeiro-Ministro David Cameron comprometeu-se a realizar um referendo sobre a adesão britânica à UE até ao final de 2017. Por conseguinte, achei que seria um momento oportuno para examinar – muito brevemente – qual era a posição de Churchill sobre esta matéria.

Tradicionalmente, Eurocéticos e Europeístas disputaram Churchill, cada um deles capaz de encontrar provas nas suas palavras e textos para apoiar a sua posição. A realidade – como sempre – é mais complicada. Vamos então olhar para o que Churchill disse realmente.

Os Eurocéticos tenderão a focar-se em duas citações-chave. A primeira foi escrita para um jornal norte-americano em 1930. Nesse artigo, Churchill disse dos britânicos que: “Nós temos o nosso próprio sonho e a nossa própria missão. Nós estamos com a Europa, mas não so-



POR  
**Kirsty  
Hayes**

Embaixadora  
do Reino Unido  
em Portugal

*mos dela. Nós estamos ligados, mas não combinados. Nós estamos interessados e associados, mas não absorvidos.”*

Os Eurocéticos também gostam de repetir as palavras que Churchill foi acusado como tendo gritado a De Gaulle no meio de uma discussão na véspera do Desembarque na Normandia, em 1944: “*se a Grã-Bretanha tem de escolher entre a Europa e o mar aberto, ela deve sempre escolher o mar aberto*”. Mas isto é ignorar a posição mais ampla de Churchill que foi um defensor apaixonado e ambicioso pela união entre as nações. Em 1942, Churchill escreveu a Anthony Eden, o Ministro dos Negócios Estrangeiros na época: “*Por mais difícil que seja dizer agora... Aguardo por uns Estados Unidos da Europa, onde as barreiras entre as nações serão fortemente minimizadas e viagens sem restrições serão pos-*

*síveis.*” Em 2015 estas parecem palavras notavelmente prescientes (embora seja a parte “viagens sem restrições” que está a causar alguns problemas atualmente!).

Quatro anos mais tarde, em Zurique, Churchill disse a famosa frase: “Devemos construir uma espécie de Estados Unidos da Europa.” E, em 1948, no seu discurso de abertura do Congresso da Europa na Holanda, Churchill disse: “*Não podemos pretender nada menos do que a União da Europa como um todo e esperamos ansiosamente com confiança para o dia em que essa União for alcançada.*”

Mais tarde nesse ano, numa reunião dos Conservadores em Llandudno, Churchill deixou claro que a Grã-Bretanha detinha uma posição única no seio dos “três círculos majestosos”: o “Império e a Commonwealth”, “o mundo falante de inglês” e a “Europa Unida”. Churchill descreveu estes três círculos como “co-existent” e “ligados entre si”. Ele disse: “*Nós somos o único país que tem uma grande parte em cada um deles. Estamos, de facto, no ponto preciso de junção e aqui nesta ilha no centro das rotas marítimas e talvez das rotas aéreas também, temos a oportunidade de uni-los todos em conjunto.*”

É certamente verdade que as opiniões

de Churchill sobre se o Reino Unido especificamente deve juntar-se a uma “União da Europa” mudou ao longo do tempo. Mas parece ter-se baseado não numa oposição de princípio, mas na circunstância.

O ex-Primeiro-Ministro Edward Heath, ao comentar alegações de que, se estivesse vivo hoje, Churchill teria defendido abandonar a União Europeia, escreveu: “Churchill seria o primeiro a perceber que no mundo de hoje, onde uma Grã-Bretanha isolada seria tolhida por cinco grandes potências, os Estados Unidos, Rússia, China, Japão e a União Europeia, a participação plena da Grã-Bretanha na União Europeia é vital, tanto para a Grã-Bretanha como para o resto do mundo.”

Churchill não está vivo hoje, é claro, e qualquer um que faça afirmações em seu nome está em terreno perigoso. Mas não tenho dúvidas de que ele teria congratulado o debate forte e vigoroso sobre o futuro da Europa que o Reino Unido começou este ano.

Reconhecemos que o Reino Unido é, por vezes, visto como um Estado-membro argumentativo e forte de espírito. É verdade – e é algo de que tenho orgulho. Os britânicos são independentes, diretos e apaixonados na defesa da sua soberania. Como consequência, abordamos a UE com um estado de espírito que é mais prático do que emocional. Para nós, a UE é um meio para um fim – prosperidade, estabi-

lidade, uma âncora de liberdade e democracia – não um fim em si mesmo. Mas isso não significa que o Reino Unido é, de alguma forma, menos europeu. Não somos. Como Primeiro-Ministro David Cameron disse, ele tem uma visão positiva para o futuro da União Europeia. Um futuro no qual a Grã-Bretanha quer, e deve querer, cumprir um papel empenhado e ativo.

Não temos ilusões sobre a escala da missão à nossa frente. Reformar a Europa não será simples. Mas acreditamos que o interesse nacional da Grã-Bretanha é mais bem servido numa União Europeia flexível, adaptável e aberta e que tal União Europeia é melhor com a Grã-Bretanha no seu seio. ■

# Palestra Churchill

## Cerimónia Inaugural de Ano Escolar do IEP em Cascais.

**C**omeço por onde qualquer convidado deve começar: por um agradecimento.

Quero, em nome do Presidente da Câmara Municipal de Cascais, Carlos Carreiras, deixar um agradecimento ao IEP pelo amável convite, que muito nos honra, para marcarmos presença neste jantar palestra.

Mas porque este encontro é mais do que um jantar palestra, agradeço também ao Professor João Carlos Espada o facto de ter escolhido Cascais para a abertura solene do ano letivo do IEP.

É, se não estou em erro, a primeira vez que tal acontece.

O constitui óbvio motivo de alegria para nós, cascalenses.

Alegria porquê? Por três razões.

Em primeiro lugar porque Cascais é o porto a partir do qual se inicia a gran-



POR  
**Paula Gomes da Silva**

Vereadora,  
Câmara Municipal  
de Cascais

de aventura intelectual em que todos os alunos do IEP, de todos os graus de ensino, vão embarcar.

Que este espírito de pluralismo, de liberdade e de humanidade, que se vive e respira na atlântica Cascais, vos acompanhe sempre ao longo de todo o ano.

Em segundo lugar, porque o arranque do ano letivo em Cascais é mais um sinal do aprofundamento das relações entre a Câmara Municipal de Cascais e o

Instituto de Estudos Políticos.

Até aqui, só nos encontrávamos uma vez por ano, no nosso Encontro Internacional de Estudos Políticos no Estoril.

Mas tal como uma família não pode encontrar-se apenas uma vez num ano, também o IEP e Cascais não podem apenas ter encontro marcado para junho.

Temos manter viva esta nossa conversação.

Temos de pensar, juntos, o mundo político e social em que vivemos.

Nunca como hoje o mundo precisou tanto das ideias da democracia, do governo da lei e da liberdade responsável.

E isso leva-me à terceira razão: ser palco de uma palestra em que se recorda Winston Churchill, símbolo máximo da aplicação prática dos valores da liberdade, precisamente no ano em que se assinalam os 50 anos da sua morte [e, porque acabámos também nós de sair de um processo eleitoral, os 70 anos sobre a sua tão dissecada derrota eleitoral depois da vitória na Guerra] é para nós um privilégio.

Que seja o Professor Archie Brown a fazê-lo, a quem endereço uma calorosa saudação de boas vindas a Cascais, só reforça todo o interesse que temos nesta feliz e pertinente iniciativa do Professor João Carlos Espada e da sua equipa.

Sejam muito bem-vindos a Cascais.

Tenham um excelente ano letivo.

E seja para estudar, escrever um livro ou ouvir uma palestra, saibam que podem sempre fazer desta nossa casa a vossa casa. Muito obrigado. ■